

DIÁRIO DE VIAGENS ENTRE EUROPA E ÁFRICA: REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS E TEXTUAIS DE LOCAIS (IN) VULGARES EM *TRAÇOS DE VIAGEM*

Lívia Vivas¹

Doutoranda em Ciências da Cultura pela Universidade do Minho

liviavivas@hotmail.com

Nenhum viajante vê nada verdadeiramente visto. Vê o que leu e ouviu, lê o que viu e sentiu. Ao escrever ou desenhar imaginadas realidades exóticas, finge esquecer que não há outra realidade que não a da ficção partilhada.

Manuel João Ramos (2009, p. 135-136)

A história de cada um é traçada pelos lugares por onde passou.

Nelson Brissac Peixoto (*n.d. apud* Moreira, 2008)

Uma vez que o gênero ‘literatura de viagens’ consolida-se no ato de descobrir e na necessidade pragmática de registrar rotas, condições atmosféricas, confrontar-se com instantes que nos permitem escapar ‘às ilusões de uma realidade sedentária’ e todos os elementos que possam facilitar a compreensão dos percursos efetuados, a obra *Traços de Viagem: experiências remotas, locais invulgares*, do escritor português Manuel João Ramos, sucintamente retratada nessa análise, apresenta, através das narrativas sobre as suas mais diversas viagens, relatos que alargam a simples notação descritiva em direção a pequenos segmentos narrativos surpreendentes que demonstram a relação entre o sujeito perceptivo e os lugares que revela, através não apenas dos escritos, mas sobretudo das ilustrações, que atribuem autentificação às narrativas de teor essencialmente descritivo e suscitam o interesse pelas imagens de múltiplos e distintivos povos ao longo dos percursos, a partir do olhar peculiar do autor, direcionado a cada destino visitado.

Enquanto estilo literário que na sua totalidade sugere uma percepção por vezes dúbia sobre o encontro de culturas, a literatura de viagens propicia ao leitor o questionamento

¹ Bolsista do Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES

sobre o mundo, o conhecimento de realidades culturais distintas a partir da produção de relatos curiosos de pessoas que se submetem ao encontro de desigualdades e confrontos fora do seu lugar comum, ao mesmo tempo em que favorece o prazer estético e possibilita ao leitor uma visão de mundo diferenciada e alargada. Além de ser um meio para conhecimento e informação, a viagem configura-se também como uma forma de investigar o mundo, ao passo que a literatura de viagens “permanece como resultante da singularidade de um olhar sobre experiências em outros espaços, que busca sua forma expressiva na linguagem a partir de um trabalho de seleção e de transfiguração da memória” (Romano, 2013, p. 42).

Euben (2006)², por sua vez, acrescenta que a viagem configura-se “ponte conceitual sobre as tradições separadas pela cultura ou pelo tempo, na qual a relação entre mobilidade e sabedoria, assim como a sua corrupção e o risco de perdê-la, é explícita”. Nesse sentido, a literatura de viagens não diz respeito apenas à transposição de fronteiras, mas é um meio capaz de trespassar os limites tradicionais dos discursos estéticos e epistemológicos (Matos, 2009, p. 15). Ao transcrever as suas assimilações distintas, sob diferentes contextos, o autor de *Traços de Viagem* tenta desmistificar as estranhezas de cada cultura percorrida, através de descrições que obedecem a construções do imaginário que organiza, condicionando os diversos textos em seus atributos semióticos, estilísticos e de conteúdo, buscando com individualidade temas, motivos e formas para as viagens reais, nas quais tem as suas experiências reordenadas e ressignificadas para que se enquadrem na teoria que leva em sua bagagem.

Ao longo da narrativa, Manuel Ramos, antropólogo radicado na experiência da viagem, utiliza de método e teoria e procura assegurar sua relação com as terras que atravessa, construindo um discurso que procura favorecer um avanço intelectual infundido na proximidade, convivência e experiência vivida, aproximando-se dela, muito embora haja um espaço temporal entre os dois instantes, dado que textualizar é tornar fixo o que, originalmente, é movimento. Como pontua Andrade (2002, p. 2), entre as diversas facetas da literatura de viagem, destaca-se nomeadamente seu caráter de texto etnográfico, elemento que sistematiza o conhecimento antropológico sobre a diversidade cultural. E Cristóvão (2002, p. 35)³ ainda complementa que a literatura de viagens é um subgênero literário interdisciplinar onde se “entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas”.

² *apud* Torrão Filho (n.d., p. 5-6)

³ *apud* Romano (*idem*, 38)

As histórias descrevem as experiências pessoais do viajante enquanto discurso sobre o estrangeiro, da imagem cultural do *outro* que vai sendo construída ao longo dos relatos. Ao inserir-se no espaço do *outro*, o viajante edifica uma representação de si mesmo:

A viagem serve para definir o outro, mas, sobretudo, para que esta imagem do outro dê ao viajante, e ao seu leitor, a definição viva, colorida e animada de si mesmos; uma cartografia da alma, uma paisagem moral, uma sensação de “eu estou aqui, isto me define” (Torrão Filho, *ibid.*).

O conteúdo da descrição não é definido apenas pelo contato com o mundo, mas é resultado também da reflexão e de uma teoria que antecede à viagem. As narrativas revelam o desejo do escritor de ir ao encontro do gosto e da curiosidade pelo exótico do público, a expectativa do inusitado, do quase fascinante, numa tentativa de cartografar progressivamente os espaços visitados, através da observação e de registros gráficos metódicos- muito embora o escritor- viajante não seja um simples espectador que apenas relata as características locais e situações que observa- em intensas e heterogêneas experiências de viagens às quais tenta imbuir veracidade através das ilustrações minuciosas acrescidas ao longo das páginas escritas, detalhe que lhe confere a convicção de quem fora testemunha ocular. Há uma preocupação, portanto, em participar do cotidiano local e a partir de um olhar antropológico narrar as motivações que o levaram a permanecer por algum tempo em determinado lugar. Em síntese, como define Cunha (2012, p. 169), “o olhar do viajante está condicionado antes mesmo da viagem: pela sua bagagem cultural, pelo seu quadro de referências, pelas suas leituras, por determinados tópicos que fazem parte da escrita do gênero”.

As transformações que ocorrem ao longo das breves narrativas da obra, mas fundamentalmente impregnadas em conceitos e representações de mundo próprias, transparecem na auto-percepção do escritor-viajante, que foge ao encontro entre o deslumbramento e a sensação de descoberta plena como atitudes imprescindíveis, típicas dos relatores de viagens setecentistas, antes quebrando esse parâmetro e assumindo um modo mais crítico de olhar diante do cruzamento entre o *eu* e o *outro* sob o qual é enquadrada a complexa construção da identidade individual e coletiva, além da consciência de todas as limitações da viagem, a tentativa de se misturar com as pessoas que habitam o local visitado, a certeza de haver um regresso marcado. Nas palavras de Costa,

Mesmo quando se deixa embalar por momentos pontuais em que as sensações se sobrepõem à racionalidade do pensamento, o olhar de Manuel João Ramos é o do antropólogo, e não o do viajante que acredita abarcar o mundo apenas por nele se deslocar (Costa, 2009).

Servindo-se de percursos distintos entre a Europa e a África, através da combinação de textos e imagens harmoniosos, nos quais descreve encontros com nativos, refeições inusitadas, ambientes adversos, Manuel João Ramos, como leitor, escritor, antropólogo e observador atento ao mundo à sua volta- elementos que compõem o filtro a partir do qual dialoga com as culturas estrangeiras que visita- transparece a sua observação participativa pela verbalização desses dois elementos: texto e imagem. As “experiências invulgares” são o ponto de encontro entre destinos tão distintos, nos quais ele adentra o contato com o exótico, com os atributos físicos e culturais de cada local visitado, que permite “a fuga às ilusões de uma realidade sedentária”, nascendo a atração da viagem da “ânsia de nos confrontarmos com um instante de abismo, onde as ilusões da nossa frágil realidade quotidiana ameaçam tropeçar”. Esse argumento clarifica a noção de que a literatura de viagens é um gênero que fornece importantes compreensões sobre os encontros e intercâmbio entre condicionantes culturais distintos.

Expandindo o seu talento narrativo e plástico apurado nesse diário de viagem, Ramos relata intensamente as características de cada local visitado, revelando ser um admirador atento de cada cultura, ao destacar os costumes os quais vivenciou nos percursos entre mundos culturais e linguísticos diversos, algo que lhe confere uma experiência genuína e autêntica das realidades visitadas, através do contato imediato. Proporcionar o conhecimento das características de realidades diferenciadas, através de um cunho autobiográfico com a exposição da sua experiência vivencial, constitui o fio condutor das narrativas de Manuel Ramos. Os relatos são diversos, apresentam-se como uma iniciação aos enigmas que os locais encerram em suas fronteiras e as cidades e pessoas descritas são cenários nos quais se representa o contexto da outridade: “- Sim, é verdade. Bebemos e aceitamos os costumes europeus (...). Mas somos muçulmanos, somos tunisinos, somos magrebinos. Sobretudo, somos árabes, porque temos de estar unidos para fazer face à Europa unida e ao demônio da América (...)” (p. 24)

Os relatos de viagem, portanto, exprimem uma experiência de alteridade e representam o olhar do viajante que configura uma imagem sobre o espaço, a cultura, os atributos físicos do *outro*:

Faces afiladas, olhos rasgados, sobranceiras arqueadas, narizes aduncos, lábios carnudos. Aqui e ali, julgo perceber nos rostos das mulheres e dos homens de Tunes os traços das máscaras cartaginesas que vi no museu do Bardo. São como o rosto de Yassar, com quem me sento agora no Café de Paris, a beber um chá verde com folhas de hortelã e pinhões (p. 22).

Ao passo em que procura evidenciar os pontos favoráveis de cada cultura visitada, o escritor não deixa de expor o estranhamento que advém da complexa relação identidade/composição textual da alteridade que emana da consolidação da identidade através do contato com o *outro*, fato que se verifica, por exemplo, no início da sua narrativa sobre o Zimbábue, no qual reflete sobre o abismo racial: “... neste país onde os sonhos de uns são os pesadelos de outros, neste país infectado por histórias de ódio, medo e inveja, a cor da minha pele estigmatiza-me logo ao primeiro olhar” (p. 47). A auto-percepção de uma cultura, portanto, revela o seu sistema de representações, a maneira como uma comunidade recepciona outra estrangeira revela “os esquemas interpretativos em funcionamento na cultura de pertença, através das suas projeções, crenças, preconceitos (Cunha, *op. cit.*, p. 156).

Outro elemento em evidência é a influência de uma dada cultura sobre outra, revelando uma condição onde o desenvolvimento do conjunto de atitudes, crenças e valores que atribui significado a uma sociedade e que fornece os pressupostos e regras que governam o comportamento social de seus membros, é tão condicionado por e reflete a expansão de uma cultura externa, ponto também suscitado nas narrativas de viagens:

É notável a ambiguidade da relação de famílias urbanas “africanas” da classe média, como os Kambari, com as suas antigas origens camponesas: por um lado, é clara e constante a rejeição de qualquer sinal de ruralidade ou de etnicidade, a sublinhar uma forte, ainda que recente, identidade urbana. Esta exprime-se nos comportamentos sociais, na adoção do estilo de vida “europeu”: o gosto pelo ténis e a pertença a um *country club*, o hábito das “visitas sociais”, as empregadas domésticas, o uso sistemático do automóvel, etc. (p. 58)

Propósito semelhante em descrever um país estranho e misterioso está evidente em *Histórias Etíopes*, de mesma autoria, obra que contém uma faceta literária e que foi criada a partir de um caderno de viagens onde são mescladas impressões escritas e imagens desenhadas ao longo de viagens pela Etiópia- conferido pelo contato próximo e prolongado com a realidade local- que segundo o próprio autor, tem a finalidade de lembrá-lo o que é desaparecer do seu mundo habitual- sem o conforto da familiaridade cultural e linguística- e ainda assim continuar vivo.

Tal narrativa, que permite que o leitor conheça as características do povo etíope, sobretudo seus aspectos culturais significativamente detalhados, tal como *Traços de Viagens*, evidencia a presença de imagens- algo que, conforme argumenta Matos (*op. cit.*) deve-se “à necessidade de se conferir, literalmente, *visibilidade* às percepções interculturais apresentadas

pelos escritores-viajantes como sendo imediatas e autênticas”- é latente e revela uma ideia fixa do antropólogo em “desenhar despreocupada, mas obsessivamente” enquanto viaja, condição que lhe propicia consciência do que implica fixar em caderno as memórias:

Enquanto viajo, o desenho não passa de um subproduto irrelevante da minha actividade de desenhador e fixador de visões, mas quando regresso a casa o desenho torna-se um precioso catalisador da memória e do imaginário.

Na literatura de viagens, é comum a palavra ao lado das imagens, que proporcionam ao leitor uma “ilusão de realidade da descrição dos territórios exóticos”, mas que não funcionam sem o auxílio do texto. “É como se o livro nos desse a “realidade” desta alteridade que ele procura constituir, por meio da força normativa da palavra e da representação” (Torrão Filho, *op. cit.*, p. 11). Já para Cristóvão *apud* Romano, a difusão de imagens provoca a banalização dos relatos:

Com o aparecimento de novas tecnologias multiplicam-se as possibilidades de reprodução de imagens e narrativas, tais como a fotografia, o cinema, o rádio, a televisão e, mais recentemente, a internet. Substitui-se, assim, a expectativa pela narração do maravilhoso e do exótico, próprios de um tempo em que a viagem era rara, pela difusão de imagens que visam criar e afirmar a condição turística de determinados lugares e direcionar o olhar do potencial turista para seus atrativos, à medida que lhes são associadas sensações de bem-estar e de distinção social (Cristóvão, *op. cit.*, *apud* Romano, *op. cit.*).

Em ambas as obras, entretanto, o que é oferecido ao leitor não é apenas a originalidade de pequenas histórias em que se mesclam textos e imagens que refletem um olhar próprio sobre cada cultura, mas também um resumo de referências que se atualizam no relato próprio e repercutem textos anteriores.

Caracterizando-se como um viajante ávido, posto que “a atração da viagem nasce da ânsia de nos confrontarmos com um instante de abismo”, Manuel João Ramos expõe ao leitor uma série de “experiências remotas”, por assim dizer, a cerimônia do café, a escalada ao convento de Debra Damo, uma viagem a bordo de um pesqueiro de Sesimbra - por “locais invulgares”, mais desconhecidos, ocultos, que tanto podem ser a Etiópia como o Zimbábue ou dos mais próximos e populares. Aos poucos desvenda os locais aos quais visita, narrando “histórias de gente (...) nem sempre sedutoras, nem sempre divertidas, porque por vezes são de vidas a quem ‘a tarefa de viver deixa pouco tempo e pouca energia, para sonhar amanhã cantantes’” (Cleto, 2009).

Traços de Viagem é uma obra em que o escritor combina os diversos textos com a representação gráfica detalhada, de qualidade, em que procura atribuir veracidade às narrativas que se apresentam com fatos tão distintos, visto que muito específicos são os

aspectos físicos e culturais de cada país visitado entre a Europa e a África. Há um avanço na compreensão das cidades como campos culturais diversos na perspectiva das viagens e dos viajantes, ao tempo em que é estabelecida uma conexão entre a viagem literária e a real. Há uma transformação na qual as narrativas alongam-se nas descrições dos caminhos, dos abundantes fatos inesperados, dos lugares de passagem, na qual se revela a voz de um sujeito cosmopolita que aos poucos estabelece relações com os locais descobertos, num misto de ânsia em viver “um instante de abismo”, de “fuga às ilusões de uma realidade sedentária”, mas com a certeza da transitoriedade dos sentimentos: “(...) partimos porque queremos experimentar cair fora do conforto das nossas ilusões sedentárias; mas, porque desejamos também regressar, devemos abandonar a ilusão de fazermos parte de mundos que não são, nem serão os nossos”.

Por outro lado, pelo fato de não ser uma obra extensa, caracterizando apenas *traços* de viagens, como implica o próprio título, os relatos são breves de modo a revelar as impressões do autor sobre os sítios visitados, limitando-se em detalhar os acontecimentos mais relevantes em cada experiência que introduz, não configurando-se, portanto, um diário de viagem tradicionalmente minucioso. As impressões reveladas sobre os países visitados são feitas através do jogos de memória e singularidade de um olhar crítico e claro, sem no entanto conferir profundidade sobre cada cultura experimentada, muito embora a narrativa não figure uma simples descrição linear dos fatos .

Muito mais dos que propriamente a narrativa, as ilustrações são os traços marcantes da obra, mais reveladoras que qualquer fotografia, transfiguram e exaltam as descrições dos fatos enfaticamente como não o fazem os textos, ou seja, o autor busca sua forma expressiva nas imagens, que exercem uma função emotiva sobre o relato. Contrariando o subgênero das narrativas de viagem habituais em que os acontecimentos são narrados através de um olhar exótico, Ramos procura desvendar suas impressões sobre os lugares pelos quais passou, incluindo nos relatos o que lhe pareceu digno de registro, sem se fechar em suas próprias convicções, mostrando-se disponível à aprendizagem e interação com os originários de cada país, o que o torna um viajante experiente e insaciável.

REFERÊNCIAS

Andrade, Maristela Oliveira (2005). *O uso de fontes da literatura de viagem no ensino de História: contribuição para interpretar a história cultural brasileira*. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História.

Costa, Sara F. (2009). A íntima narrativa da viagem. *Revista Ler*, nº 83.

Cunha, Paula C. R. R. M (2012). Apontamentos teóricos sobre Literatura de Viagem. *Revista Caracol 3/ Dossiê*, p.p. 152-174.

FILHO, Amílcar T. (n.d.). *A Literatura de Viagem na Configuração de Saberes sobre a Cidade Luso-Brasileira (1783-1844)*. Disponível em www.ifch.unicamp.br/ciec/documentos/proposta_de_pesquisa.pdf, consultado em 02.03.13.

Matos, Mário (2006). Figurações da viagem e do viajante: do maldito turista ao cosmopolita doméstico. In A. G. Macedo/M. E. Keating (org.) *Novos Cosmopolitismos. Identidades Híbridas*, Braga: Universidade do Minho-CEHUM, pp. 131-147.

_____, Mário (2009). On the move: Mobilidade e migrações intermediais nos processos de representação da viagem. In Margarida Esteves Pereira *et al.* (orgs), *Transversalidades: Viagens/Literatura/Cinema*, Braga/Famalicão: Húmus: pp. 27-58.

Ramos, Manuel J. (2009). *Traços de viagem: experiências remotas, locais invulgares*. Lisboa: Bertrand Editora.

_____. (2010). *Histórias Etíopes: Diário de Viagem*. Lisboa: Editora Tinta da China.

Romano, Luís Antônio C. (2013). *Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporânea*. Estação Literária Londrina, Volume 10B, p. 33-48, jan. 2013 ISSN 1983-1048 - <http://www.uel.br/pos/letras/EL>.